

Hospital sem médicos vive drama

A falta de médicos provocou tumulto ontem na Emergência do Hospital Regional de Taguatinga (-HRT). Muita gente passou boa parte do dia tentando uma consulta.

A superlotação não é causada pelos moradores da cidade. Segundo uma pesquisa feita pelo HRT, 70% dos pacientes são de outras cidades e do Entorno.

A Emergência tem apenas 21 médicos. As áreas mais procuradas são a Ortopedia, com dois médicos, e a Clínica Médica, com três profissionais. Ontem, a fila encheu o corredor e a área externa do prédio. “Cheguei aqui às 10h e não fui atendida”, reclamou Jurlene Lima, que torceu o pé num churrasco no domingo e não pôde ser atendida no Centro de Saúde do Núcleo Bandeirante, onde mora.

“Vim de ônibus para Taguatinga”, completou ela, que estava com o pé inchado e doendo muito.

Joana D’Arc Alencar, da Ceilândia Norte, esperava desde 9h pelo atendimento da filha Laleska, de um ano e três meses, que quebrou o braço no domingo.

“Ela caiu quando estava andando de bicicleta”, explicou a mãe, que passou por um posto de saúde e pelo Hospital da Ceilândia antes de chegar ao HRT.

Dores — Maria Lúcia da Silva saiu do Recanto das Emas para se consultar com o clínico geral. “Estou com a barriga doendo”, afirmava, sem conseguir explicar direito seu problema.

Até às 13h, 516 pessoas tinham feito ficha para se consultar. “Todos serão atendidos por ordem de chegada”, garantiu o chefe de equipe da Emergência, Alberto Salame.

Ele argumenta que a demanda do hospital é muito grande. Os casos mais graves têm prioridade de atendimento. Mas os médicos da Emergência tem que se dividir entre o atendimento ao público e o trabalho no centro cirúrgico.

A questão salarial, segundo Salame, prejudica o setor. “Não tem médico na praça. Ninguém quer ganhar R\$ 700 mensais”, afirma.

A segunda-feira é um dia especialmente tumultuado, porque muita gente procura o hospital para pedir atestado médico e os pais vão à Emergência por causa de acidentes domésticos com os filhos.

A maioria dos pacientes tem problemas que poderiam ser resolvidos nos ambulatórios dos centros de saúde. “Mas os centros também não têm material humano”, admite o chefe da Emergência.

Tina Coelho



Jurlene (E): torção no pé esquerdo que ficou inchado com muitas dores